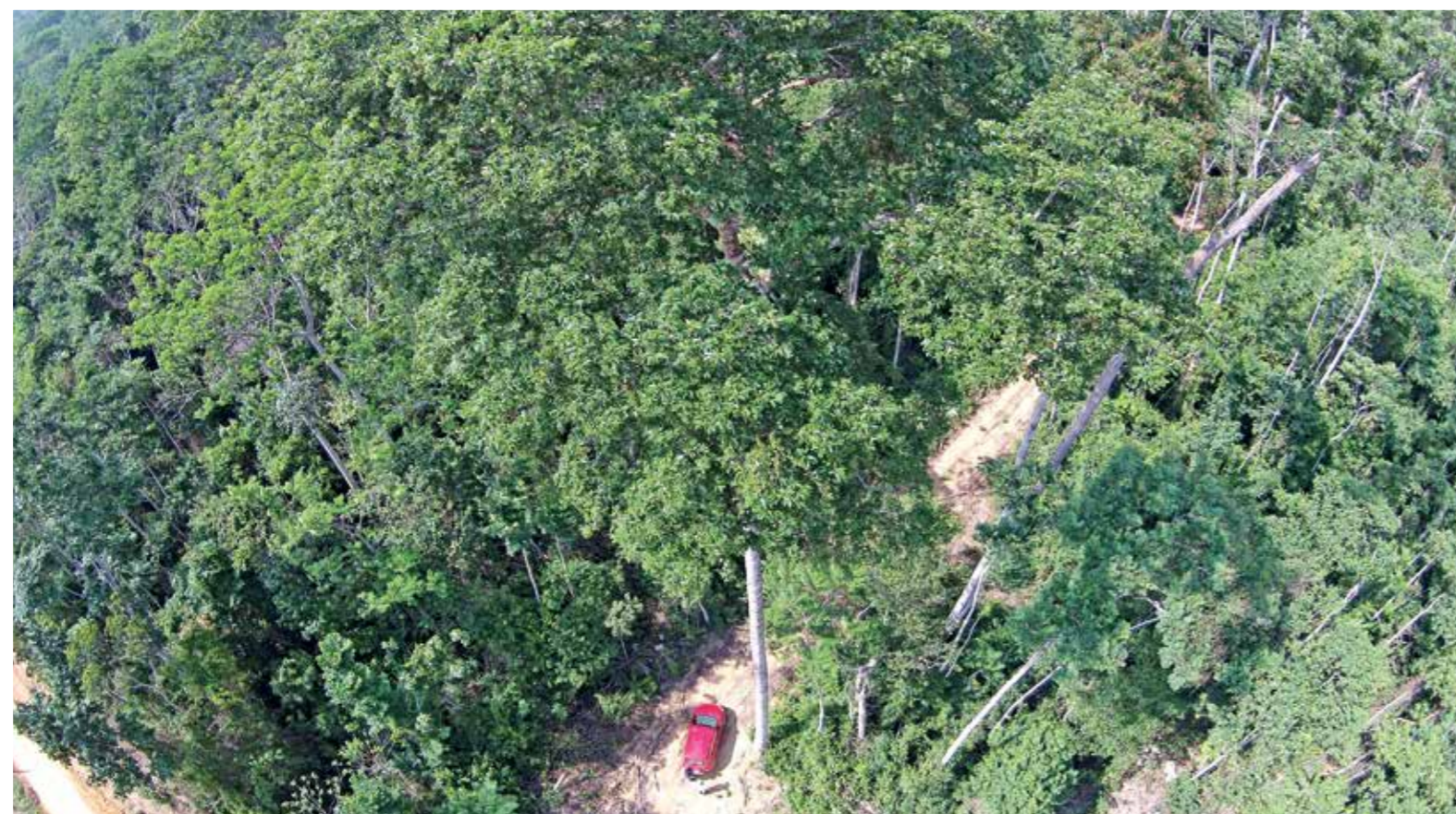


CASO DE SUCESSO NA AMAZÔNIA

Fotos: Grupo Arboris



EXPERIÊNCIAS FOCADAS NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL QUEBRAM PADRÕES, GERAM RETORNO E SÃO BENÉFICAS AO MEIO AMBIENTE

Com uma visão diferenciada, um empresário conseguiu mudar o jeito com que se realiza o manejo florestal sustentável. Com ajuda de uma equipe competente, utilizou conceitos inéditos e práticas já conhecidas para dar mais valor e longevidade à floresta, com menos impacto. A intenção é que o modelo de sucesso realizado no Pará sirva de inspiração para outros empreendimentos florestais na região amazônica.

O projeto batizado de SubBosque, foi conduzido em uma floresta nativa fortemente antropizada, característica da região do Arco do Desflorestamento na Amazônia, na Fazenda Shet, pertencente ao Grupo Arboris, localizada na cidade de Dom Eliseu (PA). Ele é fruto da parceria, que já dura 30 anos, entre o diretor-presidente do Grupo, Marco Siviero, e a Embrapa Amazônia Oriental.

A primeira reunião que deu origem ao projeto ocorreu em Belém (PA), no ano de 2005, com a participação dos pesquisadores Jorge Yared, Osmar Aguiar, Silvio Brienza, e do empreendedor. O objetivo era estabelecer um padrão de floresta futura desejada. “O primeiro resultado concreto foi a produção inédita de compensado a partir de embaúba”, lembra Marco. Este trabalho foi publicado no artigo: Tecnologias para produção de lâminas e compensados de madeira

de espécies do gênero *Cecropia* ocorrentes em áreas de florestas alteradas no Estado do Pará; e resultou na obtenção de um prêmio no II Congresso Brasileiro de Industrialização da Madeira e Produtos de Base Florestal, em Curitiba (PR), no ano de 2006.

Em 2010, após cinco anos de estudos e discussões, a pesquisa foi financiada pelo governo, por meio da Fapespa (Fundação Amazônica de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará), dentro da Rede Biomassa Florestal para a Inovação da cadeia produtiva florestal madeireira que promove o desenvolvimento sustentável do Estado do Pará.

PIONEIRISMO

No mesmo ano, o Projeto SubBosque foi protocolado como um projeto de manejo florestal sustentável com características comerciais, em um total de 535,6 ha (hectares), o que viabilizou a pesquisa científica em escala comercial. “Nessa proposta de manejo foram alterados os critérios vigentes de seleção das árvores a serem colhidas”, explica Karina Contini, engenheira mecatrônica do Grupo Arboris. Como exemplo de inovação, foi introduzido o critério de sanidade, a partir do qual foram selecionados para colheita indivíduos com sinais de mortalidade, e mantidos para colheitas futuras os mais saudáveis.

VISTA AÉREA DA ZONA PERTENCENTE AO PROJETO SUBBOSQUE



Outra novidade foi focada nas espécies de grande valor comercial, exploradas no passado e com clara redução de população, tais como ipê, freijó, jatobá e muiracatiara. “Elas foram preservadas com vistas à melhoria da qualidade da floresta”, destaca Ademir Ruschel, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental. Isto ajuda a assegurar que as próximas gerações consigam usufruir dos bens e serviços ecossistêmicos ofertados pela floresta no passado. Serve como uma espécie de poupança.

“Pela primeira vez na história recente do Pará, o órgão ambiental, subsidiado com bases técnico-científicas, autorizou a colheita de espécies florestais que, por suas características biológicas, não atingem o diâmetro mínimo de corte de 50 cm (centímetros), permitido para a exploração florestal na resolução nº 406 de 2009 do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente)”, exalta Gustavo Schwartz, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental. No projeto SubBosque, o DAP (Diâmetro a Altura do Peito) mínimo de colheita foi estabelecido em 25 cm. Isso possibilitou a introdução de novas espécies na cadeia de produção da indústria de base florestal, tais como: embaúba branca (*Cecropia distachya*), embaúba vermelha (*Cecropia palmata*), embaúba torém (*Cecropia sciadophylla*), limãozinho (*Zanthoxylum ekmanii*), mamica de porca (*Zanthoxylum rhoifolium*), e ingá vermelho (*Inga alba*). A utilização comercial destas espécies demandou novas perspectivas de revisão na fundamentação técnica que respaldou a legislação atual.

Para monitorar a floresta em estudo, foram instaladas 50 parcelas de inventário florestal contínuo, que são acompanhadas periodicamente pela Embrapa Amazônia Oriental em parceria com o Grupo Arboris. As primeiras 30 parcelas foram instaladas no mês de maio de 2009 e novamente medidas em agosto de 2012, apresentando um incremento volumétrico médio anual de 7,41 m³/ha.ano-1. “Valor que impressiona se comparado ao de 0,86 m³/ha.ano-1 preconizado pelo Conama”, compara Marco Siviero.

COLHEITA

A colheita do Projeto SubBosque foi executada nos anos de 2013 e 2014 e revelou outra inovação do projeto: ela ocorreu 18 anos após a anterior, enquanto o ciclo de corte estabelecido na legislação é de 35 anos. “Nesta etapa, cabe destacar a participação do engenheiro florestal Paulo Pereira e do técnico florestal Márcio Aviz, ambos do Grupo Arboris”, credits o diretor do grupo. De acordo com Marco, os resultados

econômicos foram excelentes.

Neste mesmo período, aconteceu a inédita colheita de árvores enormes da espécie paricá (*Schizolobium parahyba var. amazonicum*), que haviam sido plantadas pelo empresário como enriquecimento de clareiras, originadas pela execução do manejo florestal na Fazenda Shet, aprovado pelo Ibama em 1993. Com apenas 15 anos de idade, muitas delas haviam atingido cerca de 70 cm no DAP.

Frente ao sucesso do Projeto SubBosque, com resultados ambientais, sociais e econômicos, o contrato de parceria entre o empresário e a Embrapa foi renovado em 2014. Entre os diversos estudos científicos realizados no âmbito do projeto, está o trabalho voltado à condução da regeneração natural em clareiras. A proposta é monitorar árvores de mais de 150 espécies florestais desde o estágio de plântula à colheita na fase adulta, após a frutificação. “Com isso, tem-se assegurado a continuidade de vários ciclos de colheita”, aponta Marco. Essa pesquisa tem participação de profissionais da Embrapa, e das engenheiras florestais Ghaby Berberian e Sabrina Benmuyal, do Grupo Arboris.

“Os resultados obtidos reforçam que é possível conservar a biodiversidade florestal e produzir madeira de forma sustentável na Amazônia”, finaliza Marco.



PARICÁ PLANTADO EM CLAREIRA APÓS MANEJO COM 15 ANOS DE IDADE



ÁRVORE DE JATOBÁ PRESERVADA PARA FUTURO MANEJO



Foto: REFERÊNCIA

“OS RESULTADOS OBTIDOS REFORÇAM QUE É POSSÍVEL CONSERVAR A BIODIVERSIDADE FLORESTAL E PRODUZIR MADEIRA DE FORMA SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA”

MARCO SIVIERO
DIRETOR-PRESIDENTE DO GRUPO ARBORIS